



## ORGANIZAÇÃO NEGRA EM PELOTAS : CARACTERÍSTICAS E EVOLUÇÃO (1870-1950)

Dra. Beatriz Ana Loner e Dra. Lorena Almeida Gill

Departamento de História e Antropologia/ Núcleo de Documentação Histórica –  
Universidade Federal de Pelotas.

Nesta comunicação, se pretende discutir alguns aspectos da evolução da organização negra na cidade de Pelotas, ao longo do século XX, em sua busca, contraditória, mas efetiva, pela inserção e participação na sociedade brasileira<sup>1</sup>. Trazido como escravo para esta região, o negro tendeu, para o final do período imperial, a congregar-se em entidades mutualistas, profissionais ou étnicas, que ainda não buscavam a construção de uma identidade étnica, mas sim auxiliar na inclusão social e amparar seus sócios.

Posteriormente, entretanto, surgem propostas identitárias entre este grupo, embora ele sofra com a influência de ideologias desagregadoras, disseminadas pela sociedade brasileira e que tinham como alvo principal o próprio negro, como a ideologia do branqueamento, com a completa dissolução do elemento racial negro pela mestiçagem na sociedade brasileira. Esta comunicação pretende descrever, brevemente, a trajetória dos negros na cidade de Pelotas,

---

<sup>1</sup> Esta comunicação engloba resultados da pesquisa “ Clubes carnavalescos negros de Pelotas”, financiada pelo CNPq e outras pesquisas anteriores, indicadas na bibliografia. Participaram da equipe, como bolsistas ou voluntários as seguintes alunas: Débora Clasen de Paula, Viviane Tavares, Marcelle Vitória, Fernanda Oliveira da Silva, Juliana Marcello e Caroline Megiatto.

salientando sua evolução organizativa e as formas de resistência utilizadas frente às influências dissolventes da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial<sup>2</sup>.

A participação negra na configuração do território do Rio Grande do Sul, Brasil, foi muito expressiva devido a indústria saladeril, especialmente na região meridional do Estado (CARDOSO,1962). Entretanto, há poucos estudos analisando as trajetórias dos descendentes dos escravos da região sul e suas formas de organização pós abolição, que só bem recentemente começaram a ser objeto de análise acadêmica.

Assim, para Porto Alegre existe o trabalho de Liane Muller (1999), sobre as associações negras no Império e no início da República, em que ela faz um inventário das associações em que os negros criaram ou participaram, vendo-as principalmente vinculadas a Igreja Católica e ao jornal *O Exemplo*, que denunciava a discriminação racial. Para Pelotas, tem-se o estudo de Loner (1999 a, 1999b) sobre a organização negra e Santos (2003), sobre o jornal *A Alvorada*. Através destas pesquisas, começa a surgir um panorama mais diferenciado dos caminhos trilhados pelos negros depois do 13 de maio, no estado gaúcho.

Caminho que, para muitos, estava muito perto da marginalização, pela discriminação, pela falta de políticas oficiais e pelo distanciamento dos padrões culturais dos ex-escravos daquelas práticas e comportamentos exigidos pela nova sociedade republicana. Contudo, para outros trabalhadores negros, que tentavam se integrar na sociedade como artesãos e operários qualificados, seus caminhos eram, em parte, facilitados pelo amparo e apoio mútuo representado pelas entidades que criaram para auxiliá-los, desde as últimas décadas do Império.

Na cidade de Pelotas no tempo do Império, as principais sociedades que apresentavam forte ou exclusiva presença dos grupos negros, eram suas associações mutualistas, seja de categorias (como por exemplo a Fraternidade Artística, de artesãos negros), ou do grupo como um todo (caso da Feliz Esperança, que aceitava inclusive sócios escravos). Estas e outras foram criadas por volta da década de 1870, que é também o momento inicial da campanha abolicionista no país. Havia, ainda, a Irmandade da Santíssima Virgem do Rosário, entidade católica e criada anteriormente.

Mas os negros também eram encontrados em entidades mistas, especialmente aquelas que diziam respeito à organização profissional, como também aconteceu, naqueles mesmos anos, com a Harmonia dos Artistas, cujo primeiro presidente era de tez escura, assim

---

<sup>2</sup> Sobre a ideologia do branqueamento e seus impactos sobre o próprio grupo negro, no caso o paulista, ver Domingues, 2004. Outra excelente análise do comportamento da situação do grupo negro em São Paulo está em Reed, 1998.

diferenciado pelos jornais da época. Já as entidades recreativas eram normalmente separadas, ou por etnias, ou por cor da pele, mas também para este tipo de clube, o grupo negro se fazia presente, organizando-se na sociedade Recreio dos Operários ou em entidades teatrais e também em poucas, mas presentes, entidades carnavalescas, como os Netos d'África, de 1884.

Participando ativamente da campanha abolicionista, os negros pelotenses sentiram a necessidade de criar uma entidade política centralizadora dos seus esforços, o Centro Ethiópico. Ressalve-se que, na reta final da campanha abolicionista, um conjunto expressivo de indivíduos dela participou, dentre os quais queremos destacar a participação do grande bloco do trabalho, artesãos, operários qualificados e inclusive empresários ou donos de oficinas, todos irmanados pela objetivo de promover a dignidade do trabalho manual, aviltada no Brasil pela condição não-livre do trabalhador. Então, embora na região não tenham se reproduzido confrontos de maior vulto ou a formação de grupos como dos Caifazes do centro do país, teve-se a participação na campanha de vários jornais e de muitos representantes do trabalho, desde tipógrafos e redatores de jornais, até artesãos, advogados práticos e outras categorias, em que se uniam brancos, negros e mestiços.

Contudo, terminada a campanha abolicionista e com a derrota das visões integracionistas do elemento negro à sociedade como trabalhador, o grande bloco que lutou pela liberdade se desfez, e ocorreu um primeiro momento de redefinição das entidades negras na cidade. Embora as entidades mutualistas tenham continuado ainda a expandir-se, devido principalmente a seu caráter previdenciário, aos poucos ocorre um deslocamento no sentido do fortalecimento das entidades recreativas, que começam a ampliar suas atividades e formas, aparecendo, ao final da primeira década, as primeiras associações esportivas negras, fruto do segregacionismo no esporte, que os levará, em meados da década de 1910 a criarem uma Federação de futebol, o que também ocorreu em Porto Alegre e Rio Grande.

Em alguns momentos pontuais, como aquele da abolição ou, no período republicano, na luta para que deputados de cor negra pudessem assumir seus cargos na Câmara, vê-se que a comunidade negra pelotense atuou de forma unificada, criando Centros políticos, mobilizando-se em reuniões e outras atividades, como comícios, envio de telegramas, etc. Contudo, fora esses momentos, suas atividades foram dirigidas à ampliação de sua rede associativa própria, o que permitiu a esse grupo, apesar do nível elevado de discriminação com que conviviam diariamente, manter o maior grau de organização entre as comunidades congêneres do estado.

Nas primeiras décadas do século XX, momento em que a organização negra está em seu período de maior expansão, eles possuíam clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos, entidades mutualistas, de assistência as crianças e de representação étnica (LONER, 1999a). A rede associativa formada pela etnia, auxiliava a integração de seus membros na sociedade, em termos de construção de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e, obviamente, de oportunidades de emprego e casamento. Também possuíam uma grande preocupação com a questão educacional, representada pelas várias tentativas, por parte de suas associações mais consolidadas, como a Feliz Esperança, de estabelecer aulas públicas, noturnas para seus sócios e seus filhos.

Essa rede começou a se desenvolver no final do Império e foi se consolidando e diversificando nas primeiras décadas da República. Entretanto, ao final da década de 1910, evoluindo mais rapidamente nas duas décadas seguintes, houve uma reorientação das entidades, que abandonaram seu caráter de representação, o mutualismo e objetivos educacionais, para dedicarem-se principalmente as questões de sociabilidade e recreação, com o início do desenvolvimento dos clubes carnavalescos negros da cidade, alguns deles, inclusive, nascendo a partir do fim de associações mutualistas tradicionais, como a Feliz Esperança, que dá origem ao nascimento do clube carnavalesco Chove não Molha.

Também é na década de 1920 que se tem o maior desenvolvimento dos clubes de futebol negros, com o desenvolvimento da Liga José do Patrocínio, a qual promovia um campeonato próprio e também a participação em jogos conjuntos com a Liga Rio Branco, de Rio Grande, cidade vizinha.

Entre as forças que procuravam manter uma preocupação maior com a cultura e educação do grupo negro, conformando-o entre os trabalhadores em geral, deve-se inserir o jornal *A Alvorada*, que teve uma longa atuação entre a comunidade negra e operária da cidade, tendo sido fundado em 1907 e existindo até meados da década de 1960, com pequenos intervalos de interrupção. A direção do jornal e seus colaboradores compunham-se de vários militantes operários, que SANTOS (2003) chama de intelectuais negros, pois tinham uma proposta de integração da etnia dentro da classe operária.

A década seguinte, embora contemple uma mais profunda reorientação das entidades negras, no caminho da sociabilidade e dos esportes, também deu origem ao surgimento de uma importante e nova entidade, que trazia uma disposição de luta explícita contra a discriminação racial, a Frente Negra Pelotense. Seu nascimento e breve atuação (1933-1935) foi marcada pela polêmica interna, pois muitos membros da comunidade tentavam não ver a

discriminação evidente na cidade e com isso, terminaram hostilizando as lideranças da Frente Negra, insistindo em que ela se limitasse a propostas educacionais. Ela se propunha a lutar pela educação e elevação do negro na sociedade, mas seus militantes também tinham uma postura de enfrentamento e denúncia da discriminação racial. Muitos de seus fundadores eram militantes operários, alguns deles socialistas que logo a seguir participariam da criação do Partido Socialista Proletário Brasileiro, e concorreriam sem sucesso a cargos eletivos, como forma de promover seus ideais.

Um representante da Frente de Pelotas participou do 1º Congresso Afro-brasileiro do Recife, lendo um manifesto próprio da Frente. A associação pelotense foi inspirada na Frente Negra Brasileira de São Paulo, a qual depois progrediu para a idéia da criação de um partido negro, que não se firmou devido a conjuntura do Estado Novo. Entretanto, a Frente Negra Brasileira tinha tendências xenófobas e apoiava com afinco o governo Vargas (ANDREWS, 1998), no que a Frente Pelotense se distanciava, pois alguns já lutavam há muitos anos contra a discriminação, pelas páginas do *A Alvorada*, contra o governo, através da atuação sindical e pelo reconhecimento e afirmação das raízes africanas, dentro da própria comunidade. Com isso, alguns combatentes da Frente Pelotense foram denunciados como subversivos, como Miguel Barros, o representante dessa associação no Congresso do Recife.

Na verdade, a questão da discriminação racial, embora evidente, atuando de modo a rigidamente demarcar espaços e comportamentos, bem como conformando expectativas de vida, era muito pouco comentada na cidade, buscando-se, em alguns casos, até a negação de sua existência, o que motivou em fins da década de 1920, uma moção de todas as entidades negras de Pelotas denunciando a situação de discriminação racial que sofriam na cidade, a propósito de uma declaração de um jornal local, negando a prática da segregação racial. Isso é particularmente interessante, porque demonstra a viabilidade de uma atuação política mais unificada do grupo, o que entretanto, raramente aconteceu. Somente com a Frente Negra e no período de sua existência, ocorreu uma crítica mais explícita a questão da discriminação racial, presente por exemplo, em artigo comemorativo do 13 de maio em jornal local, o qual, entretanto, saiu com imensos espaços em branco, denunciando a prática da censura.

Contraditoriamente, na década de 1940, teremos um dos clubes carnavalescos negando a existência do preconceito de cor e louvando a democracia racial brasileira. Em 1942, os dirigentes do Fica Aí, apesar de motivados a apoiar iniciativas oficiais naquele momento de “esforço de guerra”, recusam-se a participar de um “ Festival patriótico”, que

culminaria numa apoteose das três raças formadoras do Brasil, pois seu secretário afirma que, nela, os negros seriam apresentados

com suas representações africanas [colocando] as pessoas que tem a mesma cor de sua pele, em uma fragrante( sic) demonstração de inferioridade perante as pessoas imbuídas na confraternização racial brasileira, que desconhecem preconceito de cor, que reconhecem somente o nível intelectual e moral dos homens. Por isso acha inconveniente que o Fica Ai coopere nessa demonstração de solidariedade, ou melhor, de inferioridade, ao sr. Presidente da República<sup>3</sup>.

Não pode passar despercebida a reafirmação do discurso da democracia racial brasileira, além da identificação das raízes africanas como um sinal de inferioridade, que pretendem já terem superado, pela sua incorporação na sociedade brasileira.

Com a definitiva reestruturação das entidades negras, que acontece a partir da década de 1930, teremos a extinção de todas as outras formas associativas que não aquelas de clubes carnavalescos e de futebol, com o que se terminou reafirmando o estereótipo vigente sobre o negro. Tendo o Brasil ingressado num novo período político, marcado por maior centralização, mas também pela ampliação do Estado, que passa a assumir funções antes desempenhadas pela iniciativa privada, como a questão previdenciária e a educação pública, algumas entidades, como as mutualistas, realmente tinham perdido boa parte de sua razão de ser. Essa situação não é exclusiva desse grupo, tendo sido encontrada em várias outros, como também em associações de outras classes ou setores sociais.

Com o desenvolvimento do rádio e do cinema, alguns tipos de entidades, como os grêmios teatrais também perderam boa parte de sua razão de ser. Ainda, como o processo de fechamento político vai recrudescendo ano a ano naquela década, também é fácil entender o motivo pelo qual apenas as entidades claramente neutras em termos políticos partidários conseguem continuar a existir.

O carnaval pelotense apresentava aspectos assemelhados aqueles do centro do país (QUEIROZ, 1992; VON SIMSON, 1989), embora tivesse características singulares, consolidando-se como o mais forte do interior do estado gaúcho. A participação negra nessa festa tornou-se expressiva a partir de meados da década de 1910, na qual são criados alguns clubes carnavalescos, entre os quais *o Depois da Chuva*, *o Fica Aí prá Ir Dizendo*, *o Chove Não Molha*, *Está tudo Certo* e *o Quem ri de nós tem paixão*. Seus nomes pitorescos tem, por trás de si várias histórias fundadoras, mas é interessante assinalar que muitos outros clubes

---

<sup>3</sup> Ata n. 248, da diretoria, de 30/9/1942. Livro de atas do Clube Fica Aí, de 1938 a 1943.

ainda existiram, alguns com duração extremamente limitada e outros com maior grau de informalidade.

Aliás, a informalidade também esteve presente na criação da maior parte dos clubes acima citados, que normalmente surgiram como blocos carnavalescos dos quais três se consolidaram, conseguindo comprar sede própria e posicionando-se como fortes associações negras. Embora mais especializadas, estas entidades carnavalescas continuaram a cumprir o papel fundamental de integração e representação negra na cidade, diferenciando-se devido ao poder aquisitivo de seus membros (que, embora no geral fosse baixo, sempre comportava variações familiares) e na rigidez ou não de seus padrões associativos.

O mais rígido era o Clube Fica Ai prá Ir Dizendo, considerado como um clube da elite negra e no qual, os padrões de comportamento esperado dos sócios, de regras sobre as vestimentas a serem utilizadas em bailes e outras solenidades e uma constante e direta intromissão na vida privada e familiar dos sócios, o que evidencia um cuidado especial em manter um alto padrão, tanto em termos morais quanto de status social. Particularmente visado era o comportamento dos sócios jovens e das mulheres de qualquer idade, os quais tinham seus passos, amizades e até atitudes no clube sempre vigiados pela diretoria, composta exclusivamente de homens, com apenas algumas senhoras participando de comissões para festas.

Sendo a comunidade negra composta basicamente por trabalhadores, especializados ou não e funcionários públicos, de níveis modestos, o resultado é que poucos estariam em condições de cumprir a risca estes regramentos, o que despertava muito ressentimento e mágoa entre aqueles que não conseguiam cumprir suas exigências associativas, evidente em vários dos depoimentos de sócios dos demais clubes entrevistados. Estes eram mais flexíveis, com relação ao comportamento e padronização de vestimentas, embora também estivessem sujeitos a forte influência da “ideologia do branqueamento” que se difundia pela sociedade brasileira da época e que praticamente implicava na eliminação do grupo negro como raça, pela sua absorção cultural e física ( DOMINGUES, 2004).

O jornal *A Alvorada*, embora também contemplasse colunas destinadas a vigiar o comportamento dos jovens, abrigava colonistas que possuíam uma visão diferenciada, algumas delas lideranças operárias que comungavam de princípios socialistas e que sempre se bateram pela inserção do negro coletivamente, enquanto uma das raças formadoras da sociedade brasileira, tendo para isso participado de inúmeras associações, de classe operária e do grupo negro, ao longo de sua militância. Essas lideranças procuravam, dentro de seu

espaço no jornal, combater a discriminação e reafirmar as raízes africanas de seus membros, tentando disseminar posições de autovalorização racial e classista nesse grupo.

Em comum a todas essas entidades, havia a compreensão de que somente através da educação os negros poderiam ascender cultural e socialmente, ganhando o reconhecimento da sociedade. Embora alguns perseguissem este objetivo de forma individualista, inclusive discriminando outros elementos dentro da etnia, havia também um grupo coeso que, baseado nas tradições coletivistas do movimento operário e dos trabalhadores em geral, tentava construir uma proposta de inclusão social efetiva, de classe e de raça, no interior do grupo negro. A presença destes elementos, auxiliava-os a manter uma posição menos individualista e a perseguir valores coletivos, contrapondo-se a pesada influência da ideologia do branqueamento e contribuindo para uma oposição a assimilação pela diluição étnica.

### Conclusão

Devido à intensa discriminação racial, Pelotas foi a cidade gaúcha em que os negros mais diversificaram suas instituições, formando clubes recreativos, teatrais, carnavalescos, futebolísticos, entidades mutualistas, de assistência as crianças e de representação étnica. Essa rede associativa auxiliava a integração de seus membros na sociedade, em termos de construção de relacionamentos, amizades, relações de compadrio e, obviamente, de oportunidades de emprego e casamento. Iniciada no período imperial, e se diversificando no início do período republicano, houve posteriormente uma reorientação das entidades, que abandonaram seu caráter de representação, o mutualismo e seus objetivos educacionais, para dedicarem-se principalmente ao lazer e a sociabilidade. Clubes carnavalescos e de futebol passaram a disputar a principalidade entre o grupo. Estas entidades predominaram entre 1940 e 1960, paralelamente com o aumento das possibilidades de inserção social em setores de classes médias baixas ou de operários especializados para os negros.

A pesquisa sugere que havia duas fortes fontes de influência sobre este grupo. De um lado, aqueles que buscavam a integração social de qualquer forma, perdendo a perspectiva racial e adequando-se ao comportamento esperado pelos setores brancos da sociedade e de outro, um grupo coeso que, baseado nas tradições coletivistas do movimento operário e dos trabalhadores em geral, tentava construir uma proposta de inclusão social efetiva, de classe e de raça.

### Referências bibliográficas:

ANDREWS, George. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1998)* Bauru: EDUSC, 1998.

BAKOS, Margaret . *RS: Escravidão & abolição*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

BERND, Z. e BAKOS, M. *O negro, consciência e trabalho*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1991.

CARDOSO, Fernando. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo: Difel.

CRUZ, Maria Cecília Velasco. Tradições negras na formação de um sindicato: sociedade de resistência dos trabalhadores em trapiche e café, Rio de Janeiro, 1905-1930. *Afro-Asia*, n. 24, UFBA, p. 243-290.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada*. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós abolição. São Paulo: Senac, 2004.

HASENBALG, C. e SILVA, Nelson. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: IUPERJ, 1992.

IANNI, Octávio. *As metamorfoses do escravo*. São Paulo: Hucitec, 1988.

LONER, Beatriz. *Classe operária: mobilização e organização em Pelotas: 1888-1937*. Porto Alegre, tese (Doutorado Sociologia UFRGS) 1999a, 2 vols.

LONER, Beatriz . Negros: organização e luta em Pelotas. *História em Revista*, v. 5, dezembro 1999b, p.7-27.

LONER, Beatriz. *Construção de classe: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930)*. Pelotas: EdUFPEL, 2001.

MULLER, Liane. *As contas do meu rosário são balas de artilharia*. Dissertação ( Mestrado em História). Porto Alegre:PUCRS, 1999.

OLIVEN, Ruben. A invisibilidade social e simbólica do negro no Rio Grande do Sul.In: LEITE, Ilka B. (ORG.) *Negros no sul do Brasil*. Invisibilidade e territorialidade. Ilha de Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 1996, p.13-32.

QUEIROZ, Ma. Isaura. *Carnaval brasileiro: o vivido e o mito*. São Paulo: Brasiliense, 1992.

VON SIMSON, Olga. *Branços e negros no carnaval popular paulistano (1914-1989)*. Tese de doutorado FFLCG-USP, 1989.